

Antonin Artaud

Para o Sr. Henri Parisot

Rodez, 22 de setembro de 1945

ARTAUD O MOMO

revisão: Márcia Camargo e Paulo Carlos Saldaña F.
capa: Jorge Polidoro

OS ESCRITOS DE ANTONIN ARTAUD

Tradução, prefácio, seleção e notas Cláudio Willer

Tradução, seleção e notas Cláudio Willer, 1983
Todos os direitos para a língua portuguesa reservados à
L&PM Editores Ltda. - Av. Nova Friburgo, 300
20.000 - Porto Alegre
Rio Grande do Sul

L&PM
EDITORES

1ª edição - outubro de 1983
2ª edição - maio de 1986

Antonin Artaud

Para o Sr. Henri Parisot

Rodez, 22 de setembro de 1945,

Meu caro amigo,

Eu não fiz a tradução de Jabberwocky*. Tentei traduzir um trecho mas me aborreci. Nunca gostei desse poema que sempre me pa-

* *Jabberwocky*, de Lewis Carroll, traduzido para o português como *Jaguardarte* por Augusto de Campos (no *Correio Paulistano* em 1960 e várias edições posteriores).

receu de um infantilismo afetado; amo os poemas jorrados e não as linguagens rebuscadas. Quero, quando escrevo ou quando leio, sentir minha alma entesar-se como na Charogne, no Martyre ou no Voyage à Cythère de Baudelaire. Não gosto de poemas ou linguagens de superfície que falam de momentos felizes de lazer ou de sucessos intelectuais apoiando-se no ânus, mas sem envolver a alma ou o coração. O ânus é sempre terror e eu não aceito que alguém perca um pedaço de excremento sem dilacerar-se por também estar perdendo a alma; e não existe alma em Jabberwocky. Tudo que não for um tétano da alma, ou não provier de um tétano da alma, como os poemas de Baudelaire e de Edgar Poe, não é verdadeiro e não pode ser aceito como poesia. Jabberwocky é obra de um castrado, de um personagem híbrido que triturou sua consciência para que dela saísse um texto, enquanto Baudelaire fazia saírem escarificações de afasia e paraplegia, e Edgar Poe, mucosas ácidas como o ácido prússico, o ácido do alcoolismo, e isso até o envenenamento e a loucura. Pois se Edgar Poe foi achado morto certa manhã numa sarjeta de Baltimore, não foi por causa de uma crise de delirium tremens provocada pelo álcool, mas sim porque uns canalhas que odiavam seu gênio e detestavam sua poesia o envenenaram para impedir que vivesse e manifestasse o ditame insólito que se manifesta nos seus versos: Pode-se inventar uma linguagem própria, fazer com que a linguagem fale com um sentido extragramatical, mas é preciso que haja um sentimento válido em si, que provenha do horror — o horror, este velho servo da dor, sexo como uma coleira subterrânea de aço produzindo seus versos a partir da sua doença: o ser, e nunca tolerando que o esqueçam. Jabberwocky é a obra de um oportunista que quis alimentar-se, mesmo já saciado por um repasto bem servido, mas que ainda quis saciar-se com a dor alheia. E isto é algo que ninguém reparou nos seus poemas, que ninguém mencionou até agora. Mas eu o digo porque o senti. Quando se escava o cocô do ser e da sua linguagem, é preciso que o poema cheire mal e Jabberwocky é um poema que seu autor não deixou permanecer no ser uterino do sofrimento onde todo grande poeta já mergulhou para, uma vez saído para fora, continuar fedendo. Há passagens fecais em Jabberwocky, mas é a fecalidade de um snob inglês que trata a obscenidade como se fosse uma cabeleira sendo frisada, de um diletante do obsceno que procura não ser obsceno como o foram Baudelaire na sua afasia final ou Edgar Poe caído na sarjeta naquela manhã quando

foi encontrado morto de apoplexia por ácido prússico ou cianureto de potássio. Jabberwocky é a obra de um covarde que não quis sofrer sua obra antes de escrevê-la e isto se nota. É a obra de um homem que comia bem e isto é algo que se nota no seu texto. Amo os poemas dos famintos, dos doentes, dos marginais, dos envenenados: François Villon, Charles Baudelaire, Edgar Poe, Gérard de Nerval; poemas de supliciados da linguagem que estão se perdendo nos seus textos e não poemas dos que fingem que estão se perdendo para melhor exhibir sua consciência e sua ciência, da perda e da escrita. Os perdidos não estão sabendo dessas coisas, eles mugem e berram de dor e de horror. Abandonar a linguagem e suas leis para retorcê-la, para desnudar a carne sexual da glote de onde saem os amargores seminais da alma e os lamentos do inconsciente, tudo bem com isso, mas desde que o sexo seja o orgasmo de um insurreto, desesperado, nu, uterino, lamentável também, ingênuo, perplexo por estar sendo censurado e que esse trabalho não compareça como o triunfo de uma falta cujo estilo, em cada um dos acordes das suas dissonâncias, tenha o fedor de um espírito bem alimentado porque o homem comeu bem, porque a falta, como em Jabberwocky, foi provocada como um alimento aliciante a mais. Amo os poemas que fedem à falta e não a refeições bem servidas. E tenho mais uma coisa contra Jabberwocky. É que, faz anos, tive a idéia de uma consumação, uma consumação interna da linguagem pela exumação de não sei que torpes e crapulosas necessidades. Em 1934, escrevi um livro inteiro com essa finalidade, numa língua que não era o francês, mas que todos poderiam ler, qualquer que fosse a nacionalidade. Infelizmente esse livro perdeu-se. Foram impressos poucos exemplares, porém abomináveis influências de pessoas da administração, da igreja, da polícia, intervieram para fazer que desaparecesse, sobrando apenas um exemplar que não está comigo, mas que ficou com uma das minhas filhas, Catherine Chilé. Esta trabalhava como enfermeira em 1934 no hospital Saint-Jacques, preparando-se para conseguir o diploma de medicina. Vejo-a constantemente ao meu redor e sei que agora ela faz o impossível para chegar até Rodez, mas não sei exatamente onde ela está, quero dizer, até onde foi nesta viagem para chegar a mim. Não acredito que isso possa parecer-lhe um romance, agora que viu as hordas de espíritos assassinos revolteando ao meu redor para impedir-me de trabalhar e ao seu redor para impedi-lo de ser.

Pego-lhe que publique esta carta, que André Breton certamente teria publicado com muito prazer há vinte e cinco anos atrás, na Révolution Surrealiste. Hoje em dia ela sequer provocaria escândalo, mas há muitos feitiços flutuando no ar e atravessando as consciências, insinuando que idéias como estas são fracas; que é preciso um crítico de outra estatura para falar de Jabberwocky. No entanto, tenho certeza que o leitor das minhas obras póstumas (pense nisso!), daqui a alguns anos, a entenderá — pois são necessárias a perspectiva do tempo ou então bombas para avaliar a situação como se deve.

Tendo escrito um livro como Letura d'Eprahi Talli Tetr Fendi Photia O Fotre Indi, não posso tolerar que a sociedade atual, *na qual você sofre constantemente tanto quanto eu*, só me deixe traduzir um outro feito à sua imitação. Pois Jabberwocky nada mais é que o plágio diluído e sem vigor de uma obra que escrevi e que fizeram desaparecer a tal ponto que nem me lembro mais do que havia nela.

Aqui estão alguns experimentos de linguagem aos quais a linguagem desse livro antigo devia assemelhar-se. Mas só podem ser lidos se escandidos num ritmo que o próprio leitor deverá achar para entender e para pensar:

ratara ratara ratara
atara tatara rana

otara otara katara
otara retara kana

ortura ortura konara
kokona kokona koma

kurbura kurbura kurbura
kurbata kurbata keyna

pesti anti pestantum putara
pest anti pestantum putra

mas isto só é válido se tiver jorrado de uma vez só; buscado sílaba por sílaba, nada mais vale; escrito aqui, nada mais diz e não tem

mais valor que a cinza; para que isso possa viver como escrita é preciso outro elemento que está naquele livro que se perdeu.

Os próximos acontecimentos esclarecerão tudo isso.

Antonin Artaud

Para o Sr. Henri Parisot
Rodez, 9 de outubro de 1945

Prezado Senhor,

Sim, é com grande prazer que o autorizo a publicar as últimas cartas que lhe escrevi. Mas faz dois dias enviei uma nova carta, a qual gostaria que fosse incluída na *Viagem ao País dos Taraumaras*. Acho que ela o interessará pelo que contém. Estou preparando dois livros: *O Surrealismo e o fim da era cristã* e, principalmente, *Medida sem Medida*, onde tento encontrar uma nova linguagem: ser este cão patudo que caminha com as pernas abertas carregando seu coração perpetuamente entre as coxas e não a puta que rebola seu trazeiro para todos os lados a fim de mostrá-lo.

orka ta ana izera
kani zera tabitra

Pois o indefinido é uma prensa

Ora bulda nerkita

que se esmaga a si própria até fazer sair seu próprio sangue do infinito, não como um estado, mas como um ser.

Avise-me se recebeu minha última carta.

Seu,

Antonin Artaud

P.S. — Há, neste momento, uma história absurda de possessão que ocupa a terra toda. É conduzida por um certo número de seitas de iniciados que conheço muito bem e que persigo faz pelo menos trinta anos, ou seja, desde um certo dia da primavera de 1915 quando

fui esfaqueado nas costas por dois rufiões no Cours Devilliers em Marselha, diante da igreja dos Reformados. Eu tinha então 19 anos. Passava diante da farmácia na esquina do Cours Devilliers com o boulevard de la Madeleine, quando vi rondarem dois homens de cara feia que me inspiraram a idéia que eu seria atacado: não os conhecia e um deles me sorriu como se dissesse: "Não tenha medo, não é você que procuramos". Em seguida, vi seu rosto transformar-se e, no lugar do homem que me sorria, havia uma máscara de bestialidade que me chocou pois não parecia pertencer ao mesmo homem e, então, senti-me atravessado por uma horrível convulsão. "Quem sou eu e o que quero, parecia dizer-se ele subitamente, este homem não é meu inimigo, não conheço e não vou atacá-lo". E foi-se embora. Comecei a subir pelo boulevard de la Madeleine quando senti o ar tremer às minhas costas como se estivesse sendo dilacerado; pensei: "É a alma do rufião que está se dilacerando" e nem tive tempo de virar-me quando senti a lâmina de uma faca rasgando a parte de trás do meu coração, nas costas, um pouco acima da omoplata; a dois centímetros da coluna vertebral. Senti também que antes do golpe um corpo caíra atrás de mim; também caí por terra, mas pensei, ainda não é minha hora final, o sangue correrá e logo se estancará e, com esta idéia, me levantei sentindo uma dor terrível que aos poucos se acalmou. O rufião por terra me disse: "Não fui eu e por nada neste mundo o golpearia. Conheço-o, embora você não se lembre mais, e sei quem é você; tentei evitar o golpe que me obrigavam a desferir e se meu corpo fez isso foi porque eu estava completamente possesso, mas minha alma não fez isso e me joguei no chão tentando livrar meu corpo de uma coisa dessas." Respondi-lhe: "Sei muito bem quem quis me golpear, foi um anjo e não você. É uma velha história que vem desde antes do começo e, à medida que eu ia falando, lembrava-me dessa história de um crime esquecido, quando Jesus Cristo era uma madame de bordel e Lúcifer, o coroinha de Deus. Esta história, disse-lhe, ainda vai longe e está longe de terminar" e de fato continua até hoje no asilo de Rodez onde me encontro atualmente à sombra da catedral mais católica do mundo que dia e noite solta invencíveis ondas de feitiço na minha direção. Ainda carrego nas costas, trinta anos depois, a cicatriz da facada, animada por uma força na qual submergiu o homem que a desferiu, mas não sua alma.

O rufião possesso não está sozinho e a terra toda agora está nas

mesmas condições. Mas ninguém acredita, pois o truque dos iniciados é introduzir-se no corpo das pessoas para desmentir aqueles que os acusam, fazendo que sejam levados à prisão ou ao hospício. Passei os últimos trinta anos da minha vida observando as seitas que agem no mundo todo e que atuam sobre a consciência das pessoas, e agora achô que as conheço todas. Existem no Afganistão, no Tibet, no Turquestão, entre os bonzos das lamaserias, entre os mulmanos da Índia, porém os mais temíveis são aqueles que não se confessam iniciados, mas trabalham secretamente, dia e noite, apoiando-se no mistério do corpo humano. Essas seitas têm a pretensão de existir espiritualmente e os espíritos dos corpos nos quais elas trabalham têm a pretensão de dominar esses corpos e os controlar a partir de dentro; tanto o eu como o corpo do homem ou da mulher que os carreguem. E esta é a idéia mais tetanizante e epileptizante que jamais tive. Na origem dessa situação está a religião católica cristã. Pois ela se quis espírito e não corpo, ou, como na religião intrínseca de Jesus Cristo, ela vê no princípio do corpo um vazio que se faz cheio, preenchendo aos poucos o vazio que é apenas sua emanção. Isto significa que na base de cada corpo vivo há um buraco abissal e um anjo que pouco a pouco o preenche a partir das cavidades da eternidade e que tenta, por submersão, tomar seu lugar. Por ter procurado divulgar essas coisas, fui tratado como louco e, finalmente, em 1937, aprisionado, deportado, agredido num navio, envenenado, posto em camisa de força, deixado em coma e, até agora, não consegui recuperar minha liberdade. Quando os anjos dos quais falo levantam-se de certos corpos, os mais poderosos feitiços são lançados contra mim e contra certas pessoas que conheço e todavia conheço muitos sobre a terra que gostariam de nada ter a ver com essa situação. E na origem desses feitiços há uma velha história que remonta até antes do dilúvio e até bem antes da criação. Não é à toa que os ingleses, faz muitos anos, mandaram queimar as plantações de ópio da China e proibiram, sobre toda a terra, o livre uso do ópio, da heroína, da morfina e de todas as plantas que supostamente causam convulsões como o peiote, o curare, o ágar-ágar e o beri-beri. É para impedir que os homens voltem a uma certa noção pré-genital do ser que todas as religiões ocultaram. Pois a vida não é este tédio destilado no qual maceram nossas almas há sete eternidades, não é este estado infernal no qual as consciências vegetam, precisando música, teatro, poesia e amor para brilhar de vez em

quando, mas tão pouco que nem vale a pena falar nisso. O homem na terra entedia-se até morrer e de uma maneira tão profunda que nem percebe mais. Ele se deita, dorme, levanta, anda, come, escreve, engole, respira, caga, como uma máquina em ponto morto, com um resignado enterrar-se na terra da paisagem, subjúgado pela paisagem, como um novinho garroteado no cepo de um copo que não presta mais, submetido a leituras, bom-dia, boa-noite, como vai, o dia está bonito, a chuva vai refrescar a terra, quais são as novidades, venha então tomar chá em casa, gamão, jogo de cartas, de bola, jogo de damas e xadrez; mas não é nada disso, quero dizer que nada disso define a vida imunda que vivemos. O que a define é que destilaram todas as nossas percepções, todas as nossas impressões, e só vivemos a conta-gotas, respirando o ar das paisagens por fora e a partir das beiradas, o amor pelo lado de fora da cesta sem poder pegar a cesta toda. E não é por o amor não ter mais alma, é que a alma do amor não existe mais. Comigo é o absoluto ou nada, isto é o que tenho a dizer para este mundo que não tem mais alma nem ágar-ágar. E que existe no surrealismo do transe, no estado do transe, um limo ressecado pelas religiões e pelos seus ritos que há sete eternidades são servidos por todos os burgueses e todos os covardes da terra e da vida. E esse limo é regenerador; não se chama poesia dos poetas nem música das harmonias, não é um nome mas sim o próprio corpo da alma, a alma que o Cristo baniu da vida para conservar no seu paraíso (aqui jaz) e que as seitas de iniciados da terra desviaram para centros secretos a fim de dá-la a conta-gotas, diariamente, para quem lhes convier. O que mais se assemelha a essa alma é o ópio, a heroína, o ágar-ágar, o beri-beri. O peiote e a cocaína já são como extratos pervertidos. Mas o álcool é sua cocção eterna, ou seja, seu ressecamento. É por isso que o delirium tremens do álcool sempre foi permitido, assim como a histeria e a epilepsia que produzem gerações e gerações, enquanto exércitos de tiras, médicos, enfermeiros e freiras se erguem contra as assim-chamadas toxicomanias. Os que tomam drogas, é por terem uma falta genital e predestinada. — ou então os poetas do seu eu na vida, esses sentiram desde sempre o que falta à vida. — Pois o ópio, há eternidades, só intoxica por causa do feitiço lançado contra ele. O qual consiste em terem lhe raspado o súbito ataque de um poder.

potam am cram
katanam anankreta
karaban kreta
tanamam anangtera
konaman kreta
e pustulam orentam
taumer dauldi faldisti
taumer oumer
tena rana di li
kunchta dzeris
dzama dzena di li

kama o trem desapareceu em Ule, viu arrebatarse a kroule de Tulé.

Há no ópio o segredo de um fermento imortal, ressecado pelo pão ázimo e pelo álcool dos vinhos consagrados e também violado em sombrias conjurações no Cáucaso ou no Himalaia.

Talachtis talachtis tsapoula
koiman koima nara
ara trafund arakulda

que é um rito de exorcismo contra o ressecamento do ópio pelas conjurações e consagrações. Esse ressecamento do ópio é verdadeiro, pois ele veio de uma alma da vida, de um corpo com uma eterna subida de vida, ele só pode dar o salto sem tûmulo, esse tûmulo atômico do corpo no qual por queda ou deposição interna se perde a força que antes havia. Como é que se perde quando devia aumentar, já que a força trazida pelo ópio, em vez de rebaixar o corpo, o eleva, fazendo-o pegar um impulso que o ultrapassa e lhe abre o abismo da sobrevivência imortal bloqueado pelo rancor de não sei que espírito do tûmulo na medula do intoxicado? A elevação ao avesso produzida pelo ópio não é uma preguiça de viver, mas sim a força do viver um pouco mais, ou seja, do ultrapassar-se. E é isto que os intoxicados não fazem: eles vegetam em vez de tentarem se ultrapassar. Por quê? Por o próprio ópio ter sido modificado pela antiga perda de uma alma que os ingleses na China, há vinte ou trinta anos, tentaram carbonizar de vez. E essa alma, eles a suplicaram em Chaucer, botaram na fogueira em Joana D'Arc e procuraram exterminar na China por serem a raça dos brancos e o ópio ser negro e eles que-

rerem exterminar tudo que é negro. A subida do sopro na garganta, a cuspidada do escarro que sempre vem de baixo e mergulha para baixo, o forte fundo de uma força que se volta mais para baixo ainda, o tremor de um sombrio clitoris, o impulso de uma ereção sangrenta que não se perde, mas se refaz sem acabar, são estas as coisas que o ópio contém quando não foi desnaturado. Afirmo, pois, que se o ópio intoxica, é porque foi desnaturado. — E o foi por mãos sombrias, pelo ódio ao seu segredo surrealismo.

O ópio não faz ver coisas alucinadamente como o peiote, ele faz com que aconteçam sem o maravilhosos, mas tornando cada vez mais maravilhosamente aceitável o sofrimento de voltar às coisas da vida cotidiana. A mesa na qual eu como é de madeira maciça, sem ópio vejo-a de uma cor ocre-suja quando na verdade ela não é assim. O ópio a devolve como é na terra da sua floresta, servente cheia de piedade, vermelho-Breughel, sangue dos suplícios que teve de suportar antes de poder me servir. Isto é um estado, mas há muitos outros no ópio. Acontece que o corpo de carne mole e madeira branca, jogado em mim por não sei qual papai-mamãe, se transformará pelo ópio; *realmente* se transformará. E quem sabe nunca mais precisarei de uma mesa e serei capaz de plantar as florestas que liberarão tanta matéria enterrada no chão da eternidade. Florestas de corpos que são almas e almas finalmente tornadas seres, pois serão chamados-corpos. Nada se perde e tudo se cria e é no ópio que um dia foi criada a vida, mas o rancor a desnaturou. Bem sei em quais centros secretos foi destilado esse rancor. Já os designei abundantemente. Mas a terra em que sobrevivo nunca foi uma alucinação de sonhos que esta terra na verdade rejeita. Acho que ela logo explodirá. É preciso que esta carta vá somar-se às anteriores no livro em que serão recolhidas.

Antonin Artaud

ARTAUD O MOMO

Artaud le Mômo foi escrito em 1946, logo após sua saída de Rodez, e publicado sob forma de opúsculo com tiragem limitada, com ilustrações do próprio Artaud, em 1947. Há divergências quanto ao sentido de *Mômo*: para alguns tradutores, remete a *môme*, criança, garoto em francês. Pode ser uma corruptela de *momie*, múmia, expressão usada e tematizada por Artaud em outros textos seus como *Invocation a la Momie*. Segundo Sontag, equivale a bobó, idiota, trouxa em gíria de Marselha, sendo que Artaud era marselhês e usava essa gíria nos seus escritos (por exemplo, *grue*, guindaste, como sinônimo de puta). Na edição espanhola (da *Fundamentos*) lembram que *Momo*, na gíria mexicana, também é sinônimo de bobó e palhaço e que Artaud falava espanhol. Conseqüentemente, nas edições em língua espanhola o termo é mantido. Adotamos o mesmo critério, já que temos a palavra *momò* em português, significando palhaço, bufão teatral, como em *Rei-Momo*. Aliás, etimologicamente o sentido é esse mesmo, já que deriva de *Momos*, deus grego do teatro satírico.

O texto apresenta semelhanças com outros escritos de Artaud do mesmo período, como *Ci Gît, Pou en finir avec le jugement de*

dieu e a Carta a Pierre Loeb: um texto forte, sempre abordando a temática da reconstrução do corpo, intercalado com glossolalias. Em janeiro de 1947 Artaud é convidado para uma série de leituras de poesia no Teatro Vieux Colombier. Com a casa cheia, uma platéia de intelectuais ilustres (Gide, Camus, Breton, entre outros) e de jovens, Artaud lê trechos do seu *Momo*; ao chegar a *Alienação e Magia Negra*, substitui a leitura pela narrativa de tudo que passara durante sua reclusão nas clínicas psiquiátricas. Fala duas horas sem parar, grita até de repente faltar-lhe a voz; então, Artaud fica olhando fixamente para o público e repentinamente sai correndo do teatro, deixando alguns dos presentes comovidos e vivamente impressionados, outros apenas escandalizados. Segundo o próprio Artaud, ele tivera a súbita percepção de que nada tinha a dizer ao público, que nada mais havia a ser dito: *Repentinamente percebi que já havia passado a hora de reunir pessoas num teatro, até mesmo para dizer-lhes algumas verdades e que não existe outra linguagem para a sociedade e seu público a não ser aquela das bombas, das metralhadoras, das barricadas e tudo que segue daí* (de um depoimento escrito um mês e meio depois).



Artaud o Momo

(trecho)

LOUCURA E MAGIA NEGRA

Os manicômios são conscientes e premeditados recipientes de magia negra, não só por os médicos promoverem a magia por suas inoportunas e híbridas terapias, mas por praticarem-na.

Se não houvesse médicos
nunca haveria doentes,
nem esqueletos dos mortos
doentes para serem esfolados e retalhados.
pois a sociedade não começou com os doentes mas sim com os médicos.

Aqueles que vivem, vivem dos mortos.
É preciso que a morte também viva;

e nada como um manicômio para carinhosamente incubar a morte e para manter os mortos em incubadeiras.

Essa terapêutica de morte lenta começou 4.000 anos antes de Jesus Cristo, e a medicina moderna, nisso cúmplice da mais sinistra e crapulosa magia, aplica a seus mortos o tratamento do eletrochoque ou da insulino-terapia para drenar diariamente das suas coudelarias humanas o eu dos homens, e apresentá-los assim esvaziados, assim fantasticamente disponíveis e vazios às obscenas solicitações atômicas e anatômicas do estado chamado de *Bardo*,* entrega do *barda* vital às exigências do não-eu.

O Bardo é a ânsia mortal na qual se escoia o eu e nos eletrochoques há um estado de escoamento pelo qual passam todos os traumatizados e que os levava, não mais ao conhecimento, mas a horrenda e desesperadamente desconhecere[m] quem são, quantos eram, que, lei, eu, rei, vós, bah e ISSO.

Passei por esse estado e nunca mais o esquecerei.

A magia do eletrochoque arranca um estertor de morte, mergulha a pessoa que o recebe num estertor de morte de quem está abandonando a vida.

Mas os eletrochoques do Bardo nunca valeram como experiência e, tanto no eletrochoque do Bardo como no Bardo do eletrochoque, o estertor de agonia consiste em despedaçar uma experiência chupada pelos fantasmas do não-eu, a qual o homem nunca mais conseguirá reaver.

No meio dessa palpitação e dessa respiração de todos aqueles que assediam quem, como dizem os mexicanos, cavando um buraco no córtex do seu escarro, *escorre desordenadamente para todos os lados.*

* Artaud refere-se ao *Bardo Todol*, livro tibetano dos mortos. *Bardo* seria algo como um estado intermediário entre o falecimento e a transmigração ou a saída do ciclo cármico, ou seja, um estado ao mesmo tempo de latência e morte.

† A medicina mercenária mente sempre que diz ter curado um doente pelas introspecções elétricas do seu método, e pessoalmente só vi pessoas aterrorizadas pelo método, incapazes de reaver seus eus.

Quem tiver passado pelo eletrochoque do Bardo e pelo Bardo do eletrochoque nunca mais volta das trevas, e sua vida foi degradada. Conhecida a arquejo dessas moleçulações do estertor dos verdadeiros agonizantes.

Os Táraumara do México chamam a este escarro de rouquidão de cinza do carvão sem dentes.

Perdá de uma parte daquela genuína euforia que outrora tivemos ao nos sentir vivos, deglutindo e mastigando.

É assim que o eletrochoque, como o Bardo, cria espectros, converte todos os estados pulverizados do presente, todos os fatos do seu passado em fantasmas inutilizáveis no presente e que não param de assediá-lo o presente.

☉ Porém, repito, o Bardo é morte, e a morte é apenas um estado de magia negra que existe há não muito tempo.

Criar a morte de um modo tão artificial como o faz a medicina moderna é favorecer o retorno de um nada que nunca favoreceu a ninguém, mas com o qual certos aproveitadores predestinados do homem se sustentam há muito tempo.

Na verdade, desde um certo ponto do tempo.

Qual?

† Aquele em que foi necessário escolher entre a renúncia a ser homem ou tornar-se um louco evidente.

Mas qual garantia têm os loucos evidentes deste mundo de serem assistidos por autênticos homens vivos?

farfadi
ta azor
tau ela

auela
a
tara
ila

FIM

Uma página em branco para separar o texto do livro já concluído de todo o pulular do Bardo que aparece no limbo do eletrochoque. E nesses limbos uma tipografia especial, com a finalidade de tornar deus repulsivo; contrapor-se às palavras verbais às quais se pretendeu atribuir um valor especial. ()

Antonin Artaud
12 de janeiro de 1948

*Você vai embora,
diz a imunda intimidade do Bardo,
e você continua aí.*

*você não está mais aí
mas nada te abandona
você conservou tudo
exceto a si mesmo*

*e que lhe importa se
o mundo
está aí.*

*O
mundo
mas não é mais eu.
E que importa isso
diz o Bardô,*

sou eu.

P.S. — Quero queixar-me por ter encontrado no eletrochoque mortos que eu preferiria não ver.

Os mesmos
que esse estúpido livro chamado
Bardo Todol
extraí e apresenta faz mais de quatro mil anos.

Por quê?

Tudo que pergunto é:
Por quê?...

ISBN - 82-524-0107-5

revisão: Márcia Camargo e Paulo Carlos Salgueira F.
capa: Jorge Polidoro

OS ESCRITOS DE ANTONIN ARTAUD

Tradução, prefácio, seleção e notas Cláudio Willer
1ª edição - outubro de 1983

PARA ACABAR COM O JULGAMENTO DE DEUS

PARA ACABAR COM O JULGAMENTO DE DEUS

Este texto deve ser lido pensando-se na sua finalidade original: como suporte para uma transmissão radiofônica, uma leitura a quatro vozes entremeada de gritos, uivos, efeitos sonoros com tambores, gongos e xilofone. Talvez seja, de tudo que Artaud produziu, a realização mais próxima da sua concepção de Teatro da Crueldade. O próprio Artaud participou da gravação, dizendo parte dos textos — junto com Roger Blin, Marie Casarès e Paule Thévenin — e cuidando dos efeitos sonoros, com enorme dificuldade, pois mal se sustentava em pé (ele teve que ditar deitado seus últimos textos, *Suppôts et Supplications*). Segundo todas as testemunhas e o depoimento daqueles que ouviram a gravação, sua “performance” foi qualquer coisa arrepiante. Na véspera da data marcada para a transmissão — 2 de fevereiro de 1948 — Wladimir Porché, diretor da Radiodifusão Francesa, a proibiu. Fernand Pouey, diretor da programação literária da rádio e responsável pelo programa *La Voix des Poètes*, demitiu-se imediatamente. Foram feitas duas transmissões em circuito fechado, para intelectuais convidados que pediram sua liberação. O episódio teve uma enorme repercussão, gerando uma polêmica na imprensa: jornais conservadores, tipo *Figaro*, justificando a proibição; os setores mais avançados, contestando-a.

O texto incluído na presente seleção corresponde ao programa propriamente dito e ao que foi publicado em 1948. Nas edições seguintes são acrescentados um texto sobre *O Teatro da Crueldade*, além de versões e variantes dos demais trechos, bem como um posfácio, cartas e um “dossier” relatando a polêmica e transcrevendo alguns dos artigos. Há também um “Post-Scriptum” que é uma espécie de despedida de Artaud: *Quem sou eu? / De onde venho? / Sou Antonin Artaud / e basta eu dizê-lo / como só eu o sei dizer / e imediatamente / verão meu corpo atual / voar em pedaços / e se juntar / sob dez mil aspectos / notórios / um novo corpo / no qual nunca mais / poderão / me esquecer*. Este corpo novo e inesquecível é a própria obra de Artaud, já que sua intenção declarada era refazer-se, construir um novo corpo ao escrever sua obra e ao vivê-la de forma tão intensa e radical.

A 25 de fevereiro de 1948 Artaud escreve para Paule Thévénin dizendo: *Paule, estou triste e desesperado / meu corpo dói de alto a baixo / tenho a impressão que as pessoas se decepcionaram com a minha transmissão de rádio. / Onde estiver a máquina / estará sempre o abismo e o nada / há uma interposição técnica que deforma e aniquila o que fazemos / ... / é por isso que nunca mais mexerei com o rádio / e de agora em diante me dedicarei exclusivamente / ao teatro / tal como o imagino / um teatro de sangue / um teatro em que cada representação terá feito algo / corporalmente / para aqueles que representam e também para aqueles que vêm ver os outros representarem / ... / Eu tive uma visão esta tarde — eu vi aqueles que me seguirão e que ainda não estão completamente encarnados porque os porcos, como aquele do restaurante de ontem à noite, comem demais. Alguns comem demais — outros, como eu, não conseguem comer sem cuspir. / Todo seu / Antonin Artaud*.

Poucos dias depois, a 4 de março, o jardineiro que trazia o café da manhã para Artaud o encontrou morto ao pé da cama.

Para Acabar com o Julgamento de Deus

kré
kré
pek
kre
te

Tudo isso deverá
ser arranjado
muito precisamente
numa sucessão
fulminante

puc te
puk te
li le
pec ti le
kruk

Fiquei sabendo ontem
(devo estar desatualizado ou então é apenas um boato, uma dessas
intrigas divulgadas entre a pia e a privada, quando as refeições in-
gurgitadas são mais uma vez devidamente expulsas para a latrina)
fiquei sabendo ontem
de uma das mais sensacionais dentre essas práticas das escolas pú-
blicas americanas
sem dúvida daquelas responsáveis por esse país considerar-se na van-
guarda do progresso.
Parece que, entre os exames e testes requeridos a uma criança que
ingressa na escola pública, há o assim chamado teste do líquido se-
minal ou do esperma,
que consiste em recolher um pouco do esperma da criança recém-
chegada para ser colocado numa proveta
e ficar à disposição para experimentos de inseminação artificial que
posteriormente venham a ser feitos.
Pois cada vez mais os americanos sentem falta de braços e crianças
ou seja, não de operários
mas de soldados
e eles querem a todo custo e por todos os meios possíveis fazer e pro-
duzir soldados
com vista a todas as guerras planetárias que poderão travar-se a seguir
e que pretendem *demonstrar* pela esmagadora virtude da força
a superioridade dos produtos americanos
e dos frutos do suor americano em todos os campos de atividade e
da superioridade do possível dinamismo da força.
Pois é necessário produzir,
é necessário, por todos os meios de atividade humana, substituir a
natureza onde esta possa ser substituída;
é necessário abrir mais espaço para a inércia humana,
é necessário ocupar os operários
é necessário criar novos campos de atividade
onde finalmente será instaurado o reino de todos os falsos produ-
tos manufaturados
todos os ignóbeis sucedâneos sintéticos
onde a maravilhosa natureza real não tem mais lugar
cedendo finalmente e vergonhosamente diante dos triunfantes pro-
dutos artificiais

comendo o Peiote rente ao chão
à medida que nasce,
que matam o sol para instaurar o reino da noite negra
e que esmagam a cruz pra que os espaços do espaço nunca mais possam encontrar-se e cruzar-se.

E assim vocês irão ouvir a dança de TUTUGURI.

TUTUGURI O Rito do Sol Negro

Lá embaixo, no pé da encosta amarga,
cruelmente desesperada do coração,
abre-se o círculo das seis cruces
bem lá embaixo
como se incrustada na terra amarga,
desincrustada do imundo abraço da mãe
que baba.

A terra do carvão negro
é o único lugar úmido
nessa fenda de rocha.

O Rito é o novo sol passar através de sete pontos antes de explodir no orifício da terra.

Há seis homens,
um para cada sol
e um sétimo homem
que é o sol
cru
vestido de negro e carne viva.

Mas este sétimo homem
é um cavalo,
um cavalo com um homem conduzindo-o.

Mas é o cavalo
que é o sol
e não o homem.

No dilaceramento de um tambor e de uma trombeta longa,
estranha,
os seis homens
que estavam deitados
tombados no rés-do-chão,
brotaram um a um como girassóis,
não sóis
porém solos que giram,
lótus d'água,
e a cada um que brota
corresponde, cada vez mais sombria

e refreada

a batida do tambor

até que de repente chega a galope, a toda velocidade
o último sol,
o primeiro homem,
o cavalo negro com um

homem nu,
absolutamente nu
é virgem
em cima.

Depois de saltar, eles avançam em círculos crescentes
e o cavalo em carne viva empina-se
e corcoveia sem parar
na crista da rocha
até os seis homens
terem cercado
completamente
as seis cruces.

Ora, o tom maior do Rito é precisamente
A ABOLIÇÃO DA CRUZ

Quando terminam de girar
arrancam
as cruces do chão
o homem nu
o cavalo

ergue
uma enorme ferradura
banhada no sangue de uma punhalada.

A BUSCA DA FECALIDADE

Onde cheira a merda
cheira a ser.
O homem podia muito bem não cagar,
não abrir a bolsa anal
mas preferiu cagar
assim como preferiu viver
em vez de aceitar viver morto.

Pois para não fazer cocô
teria que consentir em
não ser,
mas ele não foi capaz de se decidir a perder o ser,
ou seja, a morrer vivo.

Existe no ser
algo particularmente tentador para o homem
algo que vêm a ser justamente

O COCÔ (aqui rugido)

Para existir basta abandonar-se ao ser
mas para viver
é preciso ser alguém
e para ser alguém
é preciso ter um OSSO,
é preciso não ter medo de mostrar o osso
e arriscar-se a perder a carne.

O homem sempre preferiu a carne
à terra dos ossos.
Como só havia terra e madeira de ossos
ele viu-se obrigado a ganhar sua carne,

só havia ferro e fogo
e nenhuma merda
e o homem teve medo de perder a merda
ou antes desejou a merda
e para ela sacrificou o sangue,

Para ter merda,
ou seja, carne
onde só havia sangue
e um terreno baldio de ossos
onde não havia mais nada para ganhar
mas apenas algo para perder, a vida.

o reche modo
to edire
de za
tau dari
do padera coco.

Então o homem recuou e fugiu.

E então os animais o devoraram.

Não foi uma violação,
ele prestou-se ao obsceno repasto.

Ele gostou disso
e também aprendeu
a agir como animal
e a comer seu rato
delicadamente.

E de onde vem essa sórdida abjeção?

Do fato de o mundo ainda não estar formado
ou de o homem ter apenas uma vaga idéia do que seja o mundo
querendo conservá-lo eternamente?

Deve-se ao fato de o homem

ter um belo dia
detido

a idéia do mundo.

Dois caminhos estavam diante dele:
o do infinito de fora,
o do ínfimo de dentro.

E ele escolheu o ínfimo de dentro
onde basta espremer
o pâncreas,
a língua,
o ânus
ou a glândula.

E deus, o próprio deus espremeu o movimento.

É deus um ser?
Se o for, é merda.
Se não o for,
não é.
Ora, ele não existe
a não ser como vazio que avança com todas as suas formas
cuja mais perfeita imagem
é o avanço de um incalculável número de piolhos.

"O Sr. está louco, Sr. Artaud? E então a missa?"

Eu renego o batismo e a missa.
Não existe ato humano
no plano erótico interno
que seja mais pernicioso que a descida
do pretênso jesus-cristo
nos altares.

Ninguém me acredita
e posso ver o público dando de ombros
mas esse tal cristo é aquele que
diante do percevejo deus

aceitou viver sem corpo
quando uma multidão
descendo da cruz
à qual deus pensou tê-los pregado há muito tempo,
se rebelava
e armada com ferros,
sangue,
fogo e ossos
avançava desafiando o Invisível
para acabar com o JULGAMENTO DE DEUS.

A QUESTÃO QUE SE COLOCA...

O que é grave
é sabermos
que atrás da ordem deste mundo
existe uma outra.

Que outra?

Não o sabemos.

O número e a ordem de suposições possíveis
neste campo
é precisamente
o infinito!

E que é o infinito?

Não o sabemos com certeza.

É uma palavra que usamos
para designar
a abertura
da nossa consciência
diante da possibilidade
desmedida,
inesgotável e desmedida.

E o que é a consciência?

Não o sabemos com certeza.

É o nada.

Um nada
que usamos
para designar
quando não sabemos alguma coisa
e de que forma
não o sabemos
e então
dizemos
consciência,
do lado da consciência
quando há cem mil outros lados.

E então?

Parece que a consciência
está ligada
em nós
ao desejo sexual
e à fome.

mas poderia
igualmente
não estar ligada
a eles.

Dizem,
é possível dizer,
há quem diga
que a consciência
é um apetite,
o apetite de viver:

e imediatamente

junto com o apetite de viver
o apetite da comida
imediatamente nos vem à mente;

como se não houvesse gente que come
sem o mínimo apetite;
e que tem fome.

Pois isso também
existe:
os que tem fome
sem apetite;

e então?

Então
o espaço do possível
foi-me apresentado
um dia
como um grande peido
que eu tivesse soltado;
mas nem o espaço
nem a possibilidade
eu sabia exatamente o que fossem,

nem sentia necessidade de pensar nisso,

eram palavras
inventadas para definir coisas
que existiam
ou não existiam
diante da
premente urgência
de uma necessidade:
suprimir a idéia,
a idéia e seu mito
e no seu lugar instaurar
a manifestação tonante
dessa necessidade explosiva:

dilatar o corpo da minha noite interior,
do nada interior
do meu eu

que é noite,
nada,
irreflexão,

mas que é explosiva afirmação
de que há
alguma coisa
para dar lugar:

meu corpo.

Mas como,
reduzir meu corpo
a um gás fétido?
Dizer que tenho um corpo
porque tenho um gás fétido
que se forma em mim?

Não sei
mas
sei que

o espaço,
o tempo,
a dimensão,
o devir,
o futuro,
o destino,
o ser,
o não-ser,
o eu,
o não-eu
nada são para mim;

mas há uma coisa
que é algo,

uma só coisa
que é algo
e que sinto
por ela querer
SAIR:
a presença
da minha dor
do corpo,

a presença
ameaçadora
infatigável
do meu corpo;

e ainda que me pressionem com perguntas
e por mais que eu me esquivê a elas
há um ponto
em que me vejo forçado
a dizer não,

NÃO

à negação;

e chego a esse ponto
quando me pressionam,
e me apertam
e me manipulam
até sair de mim
o alimento,
meu alimento
e seu leite,

e então o que fica?

Fico eu sufocado;

e não sei que ação é essa
mas ao me pressionarem com perguntas
até a ausência

e a anulação
da pergunta
eles me pressionam
até sufocarem em mim
a idéia de um corpo
e de ser um corpo,

e foi então que senti o obsceno

e que
soltei um peido
de saturação
e de excesso
e de revolta
pela minha sufocação.

É que me pressionavam
ao meu corpo
e contra meu corpo

e foi então
que eu fiz tudo explodir
porque no meu corpo
não se toca nunca

CONCLUSÃO

— E para que serviu essa emissão radiofônica, Sr. Artaud?

— Em primeiro lugar para denunciar um certo número de sujeiras sociais oficialmente sacramentadas e aceitas:

1.º essa emissão do esperma infantil doado por crianças para a fecundação artificial de fetos ~~ainda~~ por nascer e que virão ao mundo dentro de um ou mais séculos.

2.º para denunciar este mesmo povo americano que ocupou completamente todo o continente dos Índios e que faz renascer o imperialismo guerreiro da antiga América, o qual fez com que o povo indígena anterior a Colombo fosse execrado por toda a humanidade precedente.

3º Sr. Artaud, que coisas estranhas o Sr. está dizendo!

4º Sim, estou dizendo coisas estranhas,
pois contrariamente ao que todos foram levados a crer, os povos anteriores a Colombo eram estranhamente civilizados e isso pelo fato de conhecerem uma forma de civilização baseada exclusivamente no princípio da crueldade.

5º E o que, exatamente, vem a ser isso de crueldade?

6º Isso eu não sei responder.

7º Crueldade significa extirpar pelo sangue e através do sangue a deus, o acidente bestial da animalidade humana inconsciente, onde quer que se encontre.

8º O homem, quando não é reprimido, é um animal erótico, há nele um frêmito inspirado, uma espécie de pulsação que produz inumeráveis animais os quais são formas que os antigos povos terrestres universalmente atribuíam a deus.

Daí surgiu o que chamaram de espírito.

Ora, esse espírito originário dos Índios americanos reaparece hoje em dia sob aspectos científicos que meramente acentuam seu mórbido poder infeccioso, seu grave estado de vício, um vício no qual pululam doenças

pois, riam-se à vontade,
isso que chamam de micróbios
é deus,

e sabe o que os americanos e os russos usam para fazer seus átomos? Usam os micróbios de deus.

— O Sr. está louco, Sr. Artaud.
Está delirando.

— Não estou delirando.
Não estou louco.

Afirmo que reinventaram os micróbios para impor uma nova idéia de deus.

Descobriram um novo meio de fazer deus aparecer em toda sua novidade microbiana:

inoculando-o no coração

onde é mais querido pelos homens
sob a forma de uma sexualidade doentia
nessa aparência sinistra de crueldade mórbida que ostenta sempre
que se compraz em tetanizar e enlouquecer a humanidade como
agora.

Ele usa o espírito de pureza de uma consciência que continuou cândida como a minha para asfixiá-la com todas as falsas aparências que espalha universalmente pelos espaços e é por isso que Artaud, o Momo, pode ser confundido com alguém que sofre de alucinações.

— O que o Sr. Artaud quer dizer com isso?

— Quero dizer que descobri a maneira de acabar com esse macaco de uma vez por todas
é já que ninguém acredita mais em deus, todos acreditam cada vez mais no homem.

Assim, agora é preciso emascular o homem.

— Como?

Como assim?

Sob qualquer ângulo o Sr. não passa de um maluco, um doido varrido.

— Colocando-o de novo, pela última vez, na mesa de autópsia para refazer sua anatomia.

O homem é enfermo porque é mal construído.

Temos que nos decidir a desnudá-lo para raspar esse animalúculo que o corrói mortalmente,

deus
e juntamente com deus
os seus órgãos

Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força mas não existe coisa mais inútil que um órgão.

Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos,
então o terão libertado dos seus automatismos
e devolvido sua verdadeira liberdade.

Então poderão ensiná-lo a dançar às avessas
como no delírio dos bailes populares
e esse avesso será
seu verdadeiro lugar.

P 168 C 13 T

Coleção REBELDES & MALDITOS vol. 2

ISBN - 82-224-0107-2

capa: Jorge Polidoro
revisão: Márcia Camargo e Paulo Carlos Saldaña F.

OS ESCRITOS DE ANTONIN ARTAUD

Tradução, prefácio, seleção e notas Cláudio Willer
1ª edição - Outubro de 1983

MANIFESTOS E CARTAS DO PERÍODO SURREALISTA

MANIFESTOS E CARTAS DO PERÍODO SURREALISTA

(1924-27)

Os textos a seguir estão no Volume I da Obra Completa e são posteriores à correspondência com Jacques Rivière, ou seja, à decisão tomada por Artaud de escrever de forma mais livre e menos "literária". Toda escrita é porcaria... faz parte do *Le Pèse Nerfs*, coletânea de textos contemporânea de *L'Ombilic des Limbes* e de *La Mort*, obras nas quais Artaud junta cartas, manifestos, artigos, depoimentos e poemas em prosa. Dentre estes, deve-se destacar seus textos sobre Abelardo e Heloisa, nos quais é abordada a complexa e contraditória relação entre amor, linguagem, corpo e sexo, bem como os belos poemas em prosa sobre Paolo Uccello (a pintura sempre inspirou Artaud, e são muitos os seus textos voltados para a obra de algum artista plástico) e a antológica *Lettre à la Voyante*, carta que é também um poema lírico. Dentre os depoimentos, o mais importante é o *Fragments d'un Journal d'Enfer*, no qual fala da "paralisia" que o ameaça, da sua dor, do "nó de asfixia central", proclamando que: *Acredito em conjurações espontâneas. Nos caminhos por onde meu sangue me arrasta, é impossível que um dia eu não encontre uma verdade... Escolhi o domínio da dor e da sombra assim como outros escolheram o do brilho e da acumulação da matéria.*

Não trabalho na extensão de um domínio qualquer. Trabalho unicamente na duração.

As cartas-manifesto são do número 3 de *La Révolution Surréaliste*. Artaud afirmou, no fim da vida, que elas não eram integralmente da sua autoria e que Robert Desnos teria redigido o manifesto contra os psiquiatras. Ao serem publicados, saíram efetivamente como texto coletivo, subscrito pelo grupo surrealista. No entanto, esses textos — como todos os demais que ele escreveu nesse período — são muito mais Artaud que Surrealismo. Na verdade, apresentam uma antevisão, um programa, expondo os temas que Artaud desenvolveria — e viveria — ao longo da sua obra e da sua vida. A Carta ao Papa antecipa o *Para Acabar com o Julgamento de Deus* e todos as suas demais diátribes contra o Cristianismo; o manifesto anti-manicômios, a sua passagem pelos hospícios entre 1937 e 1946; o manifesto contra a proibição do ópio é retomado nas *Cartas de Rodez*; a resposta à “enquête” sobre o suicídio levanta a questão dos suicidados pela sociedade, desenvolvida no *Van Gogh*.

No mesmo número do *La Révolution Surréaliste* é publicado o relatório das atividades do *Bureau de Recherches Surréalistes*, que termina com a seguinte afirmação: *Aqui se instala uma certa fé, mas que os coproláticos me ouçam, os afásicos e em geral todos os descrentes das palavras e do verbo, os párias do pensamento*. Novamente, uma declaração de princípios muito mais do próprio Artaud que do movimento surrealista.



O Pesa-Nervos

(trecho)

• Toda escrita é porcaria.

• Todos aqueles que saem de um lugar qualquer, para tentar explicar seja lá o que lhes passa no pensamento, são porcos.

Toda gente literária é porca, especialmente essa do nosso tempo.

Todos os que possuem pontos de referência no espírito, quero dizer, de um lado certo da cabeça, sobre lugares bem demarcados do cérebro; todos aqueles que são mestres da língua; todos aqueles para quem as palavras têm sentido; todos aqueles para quem existem elevações da alma e correntes do pensamento, aqueles que são o espírito da sua época e que nomeiam essas correntes do pensamen-

to; penso nas suas mesquinhas atividades precisas e nesse ranger de autômatos vomitado para todos os lados por seu espírito;

— são porcos.

Aqueles para os quais certas palavras têm sentido e certas maneiras de ser; aqueles que têm tão boas maneiras; aqueles para quem os sentimentos podem ser classificados e que discutem um grau qualquer das suas hilariantes classificações, aqueles que ainda acreditam em "termos"; os que mexem com as ideologias de destaque na época; aqueles cujas mulheres falam tão bem; e suas mulheres também, que falam tão bem; e falam das tendências da sua época; os que ainda acreditam numa orientação do espírito; os que seguem caminhos, que acenam com nomes, que fazem gritar as páginas dos livros;

— esses são os piores porcos.

*Moço, como você está sendo gratuito!

Não; penso nos críticos barbudos.

Já falei: nada de obras, nada de língua, nada de palavras, nada de espírito, nada.

Nada a não ser um belo Pesa-Nervos.

Uma espécie de parada incompreensível e bem levantada no meio de tudo no espírito.

E não esperem que eu nomeie esse tudo, diga em quantas partes se divide, qual é seu peso, que eu entre nessa, que me ponha a discutir esse todo, e que discutindo me perca e assim comece, sem saber, a PENSAR — e que se esclareça, que viva, que se atavie com uma multidão de palavras, todas bem untadas de sentido, todas diferentes, capazes de expor todas as atitudes, todas as sutilezas de um pensamento tão sensível e penetrante.

Ah, esses estados nunca nomeados, essas situações eminentes da alma; ah, esses intervalos do espírito; ah, essas minúsculas falhas que são o pão cotidiano das minhas horas; ah, essa formigante população de dados — são sempre as mesmas palavras que eu uso e na verdade pareço não avançar muito no meu pensamento, mas na realidade avanço muito mais que vocês, burros barbudos, porcos pertinentes, mestres do falso verbo, masturbadores com fotografias, folhetinistas, rés-do-chão, engordadores de gado, entomologistas, chaga da minha língua.

Já disse, eu perdi a fala, isso não é motivo para que persistam, para que insistam na fala.

Chega, serei compreendido daqui a dez anos pelas pessoas que então estiverem fazendo o que vocês fazem agora. Então conhecerão meus mananciais de água fervente, verão minhas geleiras, aprenderão a neutralizar meus venenos, entenderão os jogos da minha alma.

Então todos os meus cabelos estarão grudados na cal da vala comum, todas as minhas veias mentais; então enxergarão meu bestiário, e minha mística terá se transformado em bandeira. Então verão as juntas das pedras fumegarem; arborescentes ramalhetes de olhos mentais se cristalizarão em glossários; então verão tombarem aerólitos de pedra; então verão cordas; então compreenderão a geometria sem espaço; entenderão a configuração do espírito, e saberão como perdi meu espírito.

Então compreenderão por que meu espírito não está mais aí; então verão todas as línguas se paralisarem, todos os espíritos ressecarem, todas as línguas se encarquilharem, os vultos humanos se achatarem e desinflarem como se aspirados por ventosas sugadoras; e esta lubrificante membrana continuará flutuando no ar, esta membrana lubrificante e cáustica, esta membrana com dupla espessura, inúmeros níveis, uma infinidade de fendas, esta melancólica e vítrea membrana, porém tão sensível, tão pertinente, tão capaz de se desdobrar, se multiplicar, de dar voltas com sua reverberação de fendas; sentidos, estupefacientes, irrigações penetrantes e contagiosas;

então acharão que está tudo muito bem,
e não precisarei mais falar.



O Suicídio É Uma Solução?

(resposta a uma *enquête* surrealista)

Não, o suicídio ainda é uma hipótese. Quero ter o direito de duvidar do suicídio assim como de todo o restante da realidade. É preciso, por enquanto e até segunda ordem, duvidar atrozmente, não propriamente da existência, que está ao alcance de qualquer um, mas da agitação interior e da profunda sensibilidade das coisas, dos atos, da realidade. Não acredito em coisa alguma à qual eu não esteja ligado pela sensibilidade de um cordão pensante, como

que meteórico e ainda assim sinto falta de mais meteoros em ação. A existência construída e sensível de qualquer homem me aflige e decididamente abomino toda realidade. O suicídio nada mais é que a conquista fabulosa e remota dos homens bem-pensantes, mas o estado propriamente dito do suicídio me é incompreensível. O suicídio de um neurastênico não tem qualquer valor de representação, mas sim o estado de espírito de um homem que efetivamente tiver determinado seu suicídio, suas circunstâncias materiais e o momento do seu desfecho maravilhoso. Desconheço o que sejam as coisas, ignoro todo estado humano, nada no mundo se volta para mim, dá voltas em mim. Tolero terrivelmente mal a vida. Não existe estado que eu possa atingir. E certamente já morri faz tempo, já me suicidei. *Me suicidaram*, quero dizer. Mas que achariam de um *suicídio anterior*, de um suicídio que nos fizesse dar a volta, porém para o outro lado da existência, não para o lado da morte? Só este teria valor para mim. Não sinto o apetite da morte, sinto o apetite de não ser, de jamais ter caído neste torvelinho de imbecilidades, de abdições, de renúncias e de encontros obtusos que é o eu de Antonin Artaud, bem mais frágil que ele. O eu deste enfermo errante que de vez em quando vem oferecer sua sombra sobre a qual ele já cuspiu e faz muito tempo, este eu capenga, apoiado em muletas, que se arrasta; este eu virtual, impossível e que todavia se encontra na realidade. Ninguém como ele sentiu a fraqueza que é a fraqueza principal, essencial da humanidade. A ser destruída, a não existir.



Segurança Pública

A LIQUIDAÇÃO DO ÓPIO

Tenho a intenção declarada de encerrar o assunto de uma vez por todas, para que não venham mais nos encher a paciência com os assim chamados perigos da droga.

Meu ponto de vista é nitidamente anti-social.

Só há uma razão para atacar o ópio. Aquela do perigo que seu uso acarreta ao conjunto da sociedade.

Acontece que este perigo é falso.

Nascemos podres de corpo e alma, somos congenitamente inadapitados; suprimam o ópio: não suprimirão a necessidade do crime, os cânceres do corpo e da alma, a inclinação para o desespero,

o cretinismo inato, a sífilis hereditária, a fragilidade dos instintos; não impedirão que haja almas destinadas a seja qual for o veneno, veneno da morfina, veneno da leitura, veneno do isolamento, veneno do onanismo, veneno dos coitos repetidos, veneno da arraigada fraqueza da alma, veneno do álcool, veneno do tabaco, veneno da anti-sociabilidade. Há almas incuráveis e perdidas para o restante da sociedade. Suprimam-lhes um dos meios para chegar à loucura: inventarão dez mil outros. Criarão meios mais sutis, mais selvagens; meios absolutamente *desesperados*. A própria natureza é anti-social na sua essência — só por uma usurpação de poderes que o corpo da sociedade consegue reagir contra a tendência *natural* da humanidade.

Deixemos que os perdidos se percam: temos mais o que fazer que tentar uma recuperação impossível e ademais inútil, *odiosa e prejudicial*.

Enquanto não conseguirmos suprimir qualquer uma das causas do desespero humano, não teremos o direito de tentar a supressão dos meios pelos quais o homem tenta se livrar do desespero.

Pois seria preciso, inicialmente, suprimir esse impulso natural e oculto, essa tendência *ilusória* do homem que o leva a buscar um meio, que lhe dá a *idéia* de buscar um meio para fugir às suas dores.

Além do mais, os perdidos são perdidos por sua própria natureza; todas as idéias de regeneração moral de nada servem; há um *determinismo inato*; há uma incurabilidade definitiva no suicídio, no crime, na idiotia, na loucura; há uma invencível corneação entre os homens; há uma fragilidade do caráter; há uma castração do espírito.

A afasia existe; a *tabes dorsalis* existe; a meningite sífilítica, o roubo, a usurpação. O inferno já é deste mundo e há homens que são desgraçados, fugitivos do inferno, foragidos destinados a recommear *eternamente* sua fuga. E por aí afora.

O homem é miserável, a carne é fraca, há homens que sempre se perderão. Pouco importam os meios para perder-se: a sociedade nada tem a ver com isso.

Demonstramos — não é? — que ela nada pode, que ela perde seu tempo, que ela apenas insiste em arraigar-se na sua *estupidez*.

Aqueles que ousam encarar os fatos de frente sabem — não é verdade? — os resultados na proibição no álcool nos Estados Unidos.

★ Uma superprodução da loucura: cerveja com éter, álcool carregado com cocaína vendido clandestinamente, o pileque multiplicado, uma espécie de porre coletivo. *Em suma, a lei do fruto proibido.*

A mesma coisa com o ópio.

A proibição, que multiplica a curiosidade, só serviu aos rufiões da medicina, do jornalismo, da literatura. Há pessoas que construíram fecais e industriosas reputações sobre sua pretensa indignação contra a inofensiva e ínfima seita dos amaldiçoados da droga (inofensiva porque ínfima e porque sempre uma exceção), essa minoria de amaldiçoados em espírito, alma e doença.

Ah! Como o cordão umbilical da moralidade está bem atado neles! Desde a saída do ventre materno — não é? — jamais pecaram. São apóstolos, descendentes de sacerdotes: só falta saber como se abastecem da sua indignação, quanto levam nessa, o que ganham com isso.

E, de qualquer forma, essa não é a questão.

Na verdade, o furor contra o tóxico e as estúpidas leis que vêm daí:

1º *É inóperante contra a necessidade do tóxico* que, saciada ou insaciada, é inata à alma e induziria a gestos decididamente anti-sociais *mesmo se o tóxico não existisse.*

2º *Exaspera a necessidade social do tóxico* e o transforma em vício secreto.

3º *Agrava a doença real* e esta é a verdadeira questão, o nó vital, o ponto crucial:

Desgraçadamente para a doença, a medicina existe.

Todas as leis, todas as restrições, todas as campanhas contra os estupefacientes somente conseguirão subtrair a todos os necessitados da dor humana, que têm direitos imprescritíveis no plano social, o lenitivo dos seus sofrimentos, um alimento que para eles é mais maravilhoso que o pão, e o meio, enfim, de reingressar na vida. Antes a peste que a morfina, uiva a medicina oficial; antes o inferno que a vida. Só imbecis como J. P. Liausu (que além disso é um monstrengo ignorante)* *para querer que os doentes se macerem na sua doença.*

* J.P. Liausu: intelectual conservador que chefiou uma campanha anti-cocaína na época.

E é aqui que a canalhice do personagem abre o jogo e diz a que vem: *em nome, pretende ele, do bem coletivo.*

Suicidem-se, desesperados, e vocês, ~~torturados de corpo e alma~~, percam a esperança. Não há mais salvação no mundo. O mundo vive dos seus maradouros.

E vocês, loucos lúcidos, sífilíticos, cancerosos, meningíticos crônicos, vocês são incompreendidos. Há um ponto em vocês que médico algum jamais entenderá e é este ponto, a meu ver, que os salva e torna augustos, puros e maravilhosos: vocês estão além da vida, seus males são desconhecidos pelo homem comum, vocês ultrapassaram o plano da normalidade e daí a severidade demonstrada pelos homens, vocês envenenam sua tranqüilidade, corroem sua estabilidade. Suas dores irreprimíveis são, em essência, impossíveis de serem enquadradas em qualquer estado conhecido, indescritíveis com palavras. Suas dores repetidas e fugidias, dores insolúveis, dores fora do pensamento, dores que não estão no corpo nem na alma *mas que têm a ver com ambos*. E eu, que patifico dessas dores, pergunto: quem ousaria dosar nosso calmante? Em nome de que clareza superior, almas nossas, nós que estamos na verdadeira raiz da clareza e do conhecimento? E isso, pela nossa postura, pela nossa insistência em sofrer. Nós, a quem a dor fez viajar por nossas almas em busca de um lugar mais tranqüilo ao qual pudéssemos nos agarrar, em busca da estabilidade no sofrimento como os outros no bem-estar. Não somos loucos, somos médicos maravilhosos, conhecemos a dosagem da alma, da sensibilidade, da medula, do pensamento. Que nos deixem em paz, que deixem os doentes em paz, nada pedimos aos homens, só queremos o alívio das nossas dores. Avaliamos nossas vidas, sabemos que elas admitem restrições da parte dos demais e, principalmente, da nossa parte. Sabemos a que concessões, a que renúncias a nós mesmos, a que paralisias da sutileza nosso mal nos obriga a cada dia. Por enquanto, não nos suicidaremos. Esperando que nos deixem em paz.

À Mesa

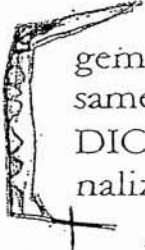
Abandonem as cavernas do ser. Venham. O espírito respira para fora do espírito. É tempo de deixarem suas moradas. Cedam ao Todo-Pensamento. O Maravilhoso está na raiz do espírito.

Nós estamos por dentro do espírito, no interior da cabeça. Idéia, lógica, ordem, Verdade (com V maiúsculo), Razão, deixamos tudo isso ao nada da morte. Cuidado com suas lógicas, Senhores, cuidado com suas lógicas, não sabem até onde pode nos levar nosso ódio à lógica.

É só por um desvio da vida, por uma parada imposta ao espírito, que se pode fixar a vida na sua fisionomia dita real, mas a realidade não está aí. Por isso é desnecessário, a nós que aspiramos a uma certa eternidade surreal, que faz muito tempo já não nos consideramos mais no presente e que nos assemelhamos à nossas sombras reais, é desnecessário virem nos aborrecer em espírito.

Quem nos julga não nasceu para o espírito, para esse espírito que desejamos expressar e que está, para nós, fora do que vocês chamam de espírito. Não precisam chamar nossa atenção para as cadeias que nos prendem à petrificante imbecilidade do espírito. Descobrimos um bicho novo. Os céus respondem à nossa atitude de insensato absurdo. Esse seu hábito de voltar as costas às questões não impedirá que, no dia certo, os céus se abram e uma nova língua se instale no meio das suas elucubrações imbecis, quero dizer, das elucubrações imbecis dos seus pensamentos.

Há signos no Pensamento. Nossa atitude de absurdo e morte é a da maior boa-vontade. Através das fendas de uma realidade doravante inviável, fala um mundo voluntariamente sibilino.



Sim, eis agora o único uso ao qual poderá prestar-se a linguagem, como instrumento para a loucura, para a eliminação do pensamento, para a ruptura, dedalo dos desregramentos e não como um DICIONÁRIO para o qual certos patifes das imediações do Sena canalizam suas contradições espirituais.

Carta aos Reitores das Universidades Europeias

Senhores Reitores,

Na estreita cisterna que os Srs. chamam de "Pensamento", os raios espirituais apodrecem como palha.

Chega de jogos da linguagem, de artifícios da sintaxe, de prestidigitações com fórmulas, agora é preciso encontrar a grande Lei do

coração, a Lei que não seja uma lei, uma prisão, mas um guia para o Espírito perdido no seu próprio labirinto. Além daquilo que a ciência jamais conseguirá alcançar, lá onde os feixes da razão se partem contra as nuvens, existe esse labirinto, núcleo central para o qual convergem todas as forças do ser, as nervuras últimas do Espírito. Nesse dédalo de muralhas móveis e sempre removidas, fora de todas as formas conhecidas do pensamento, nosso Espírito se agita, espreitando seus movimentos mais secretos e espontâneos, aqueles com um caráter de revelação, essa ária vinda de longe, caída do céu.

Mas a raça dos profetas extinguiu-se. A Europa cristaliza-se, mumifica-se lentamente sob as ataduras das suas fronteiras, das suas fábricas, dos seus tribunais, das suas universidades. O Espírito congelado racha entre lâminas minerais que se estreitam ao seu redor. A culpa é dos vossos sistemas embolorados, vossa lógica de 2 mais 2 fazem 4; a culpa é vossa, Reitores presos no laço dos silogismos. Os Srs. fabricam engenheiros, magistrados, médicos aos quais escapam os verdadeiros mistérios do corpo, as leis cósmicas do ser, falsos sábios, cegos para o além-terra, filósofos com a pretensão de reconstituir o Espírito. O menor ato de criação espontânea é um mundo mais complexo e revelador que qualquer metafísica.

Deixem-nos pois, os Senhores nada mais são que usurpadores. Com que direito pretendem canalizar a inteligência, dar diplomas ao Espírito?

Os Senhores nada sabem do Espírito, ignoram suas ramificações mais ocultas e essenciais, essas pegadas fósseis tão próximas das nossas próprias origens, rastros que às vezes conseguimos reconstituir sobre as mais obscuras jazidas dos nossos cérebros.

Em nome da vossa própria lógica, voz dizemos: a vida fede, Senhores. Olhem para seus rostos, considerem seus produtos. Pelo crivo dos vossos diplomas passa uma juventude abatida, perdida. Os Senhores são a chaga do mundo e tanto melhor para o mundo, mas que ele se acredite um pouco menos à frente da humanidade.

Carta ao Papa

O Confessionário não é você, oh Papa, somos nós; entenda-nos e que os católicos nos entendam.

Em nome da Pátria, em nome da Família, você promove a venda das almas, a livre trituração dos corpos.

Temos, entre nós e nossas almas, suficientes caminhos para percorrer, suficientes distâncias para que neles se interponham os teus sacerdotes vacilantes e esse amontoado de doutrinas afoitas das quais se nutrem todos os castrados do liberalismo mundial.

Teu Deus católico e cristão que, como todos os demais deuses, concebeu todo o mal:

1º Você o enfiou no bolso.

2º Nada temos a fazer com teus cânones, índice, pecado, confissão, padralhada, nós pensamos em outra guerra, guerra contra você, Papa, cachorro.

Aqui o espírito se confessa para o espírito.

De ponta a ponta do teu carnaval romano, o que triunfa é o ódio sobre as verdades imediatas da alma, sobre essas chamas que chegam a consumir o espírito. Não existem Deus, Bíblia, Evangelho; não existem palavras que possam deter o espírito.

Nós não estamos no mundo, oh Papa confinado no mundo; nem a terra nem Deus falam de você.

O mundo é o abismo da alma, Papa caquético, Papa alheio à alma, deixe-nos nadar em nossos corpos, deixe nossas almas em nossas almas, não precisamos do teu facão de claridades.

Carta ao Dalai-Lama

Somos teus mui fiéis servidores, ó Grande Lama, concede-nos, envia-nos tuas luzes numa linguagem que nossos contaminados espíritos de europeus possam entender e, se necessário, transforma nosso Espírito, dá-nos um espírito voltado para esses cumes perfeitos onde o Espírito do Homem já não sofre mais.

Dá-nos um Espírito sem hábitos, um espírito verdadeiramente congelado dentro do Espírito, ou então um Espírito com hábitos mais puros, os teus, se forem bons para a liberdade.

Estamos rodeados de papas decrepitos, literatos, críticos, cachorros; nosso Espírito está entre cães que pensam imediatamente ao nível da terra, que pensam irremediavelmente com o presente.

Ensina-nos, Lama, a levitação material dos corpos e como poderíamos deixar de estar presos à terra.

Pois bem sabes a que libertação transparente das almas, a que liberdade do Espírito no Espírito, oh Papa aceitável, oh Papa em espírito verdadeiro, nós nos referimos.

É com o olho interior que te contemplo, oh Papa no ápice do interior. É a partir do interior que me assemelho a ti, eu, ímpeto, idéia, língua, levitação, sonho, grito, renúncia à idéia, suspenso entre as formas, só esperando o vento.

Carta aos Médicos-chefes dos Manicômios

Senhores,

As leis e os costumes vos concedem o direito de medir o espírito. Essa jurisdição soberana e temível é exercida com vossa razão. Deixai-nos rir. A credulidade dos povos civilizados, dos sábios, dos governos, adorna a psiquiatria de não sei que luzes sobrenaturais. O processo da vossa profissão já recebeu seu veredito. Não pretendemos discutir aqui o valor da vossa ciência nem a duvidosa existência das doenças mentais. Mas para cada cem supostas patogenias nas quais se desencadeia a confusão da matéria e do espírito, para cada cem classificações das quais as mais vagas ainda são as mais aproveitáveis, quantas são as tentativas nobres de chegar ao mundo cerebral onde vivem tantos dos vossos prisioneiros? Quantos, por exemplo, acham que o sonho do demente precoce, as imagens pelas quais ele é possuído, são algo mais que uma salada de palavras?

Não nos surpreendemos com vosso despreparo diante de uma tarefa para a qual só existem uns poucos predestinados. No entanto nos rebelamos contra o direito concedido a homens — limitados ou não — de sacramentar com o encarceramento perpétuo suas investigações no domínio do espírito.

E que encarceramento! Sabe-se — não se sabe o suficiente — que os hospícios, longe de serem asilos, são pavorosos cárceres onde os detentos fornecem uma mão-de-obra gratuita e cômoda, onde os suplícios são a regra, e isso é tolerado pelos senhores. O hospício de alienados, sob o manto da ciência e da justiça, é comparável à caserna, à prisão, à masmorra.

Não levantaremos aqui a questão das internações arbitrárias, para vos poupar o trabalho dos desmentidos fáceis. Afirmamos que uma grande parte dos vossos pensionistas, perfeitamente loucos segundo a definição oficial, estão, eles também, arbitrariamente internados. Não admitimos que se freie o livre desenvolvimento de

Alain Virmaux

ARTAUD E O TEATRO

O TEATRO E A ANATOMIA^a



EDITORA PERSPECTIVA
25 Anos

O TEATRO E A ANATOMIA^a

A última palavra sobre o homem ainda não foi pronunciada. Quero dizer que a questão que se coloca é de saber se o homem continuará a trazer seu nariz no meio do rosto ou se os dois buracos do nariz desse crânio humano que nos olha de sobre as portas da eternidade não irão cansar-se de fungar e de expelir excrescências sem jamais poder sentir nem acreditar que contribuem para a marcha exotérica do pensamento, bem apoiada em dois artelhos.

O teatro jamais foi feito para nos descrever o homem e o que ele faz, mas para nos constituir um ser de homem que possa nos permitir avançar no caminho, vivendo sem supurar e sem feder.

O homem moderno supura e fede porque sua anatomia é má, e o sexo, em relação ao cérebro, está mal colocado na quadratura dos dois pés.

E o teatro é esse polichinelo desengonçado, que musica os troncos através de barbas metálicas de arame farpado, e nos mantém em estado de guerra contra o homem que nos espartilha.

Os homicídios teatrais são reivindicações de esqueletos e de órgãos que a doença não mais atinge, e que mijam as paixões humanas pelos orifícios de seus narizes. O homem passa muito mal em Êsquilo, mas ele ainda se crê um pouco deus e não quer entrar na membrana; e em Eurípides ele chafurda na membrana, esquecendo onde e quando foi deus.

Pois bem, sinto agora uma veneziana bater, uma aba pulmonar da muralha girar; e é certo que tudo vai muito bem e eu sinto apenas um velho fulminato que poderia ainda ter vontade de protestar.

Esse fulminato se chama teatro: teatro é o lugar onde a gente se entrega com o coração alegre, conquanto nada do que se pode ver no teatro se chama ainda coração ou alegria.

E é aqui que me volta o meu delírio, meu delírio de reivindicador nato.

Pois, a partir de 1918, quem — e não foi no teatro — foi que jogou uma sonda “em todos os baixios do acaso e da sorte”, senão Hitler, o moldovalaco impuro da raça dos macacos congênitos.

Quem se mostrou no palco com um ventre de tomates vermelhos, abarrotado de imundícies, e que a golpes de serras rotativas perfurou a anatomia humana, porque lhe estava com um lugar reservado em todos os palcos de um teatro natimorto.

Quem declarando que o teatro da crueldade é utópico, foi deixar que lhe serrassem as vértebras nas encenações dos arames farpados.

yion tan nornan
na sarapido
ya yan sapido
ara pido

Eu havia falado de crueldades reais no plano do diapasão, eu havia falado de crueldades manuais no plano da atitude ação, eu havia falado da guerra molecular de átomos, de cavalos de frisa sobre todas as frentes, quero dizer, gotas de suor sobre a frente, eu fui posto num asilo de alienados.

Agora para quando será a nova guerra sórdida por dois vinténs de papel higiênico, contra a transpiração das mamas que não cessam de corroer minha frente.

O TEATRO E A CIÊNCIA^a

O verdadeiro teatro sempre me pareceu o exercício de um ato perigoso e terrível,
onde aliás a idéia de teatro e de espetáculo se elimina
bem como a idéia de toda ciência, toda religião e toda arte.

O ato de que eu falo visa à total transformação orgânica e física verdadeira do corpo humano.

Por quê?

Porque o teatro não é essa parada cênica onde se desenvolve virtual e simbolicamente um mito
mas esse cadinho de fogo e de verdadeira carne onde anatomicamente

pela trituração de ossos, de membros e de sílabas
os corpos se refundem,
e se apresenta fisicamente e ao natural o ato mítico de fazer um corpo.

Se bem me compreendem, ver-se-á nisso um ato verdadeiro de gênese que a todo mundo parecerá ridículo e humorístico invocar sobre o plano da vida real.

Pois ninguém no momento que passa pode acreditar que um corpo possa mudar a não ser através do tempo e na morte.

Ora, eu repito que a morte é um estado inventado
e que só vive graças aos feiticeiros, aos gurus do nada a quem ela traz proveito e que desde alguns séculos se nutrem dela

e vivem dela em um estado chamado Bardo.

^a . Publicado em *L'Arbalète* (Marc Barbezat), n. 13, verão de 1948, pp. 15-24.

Fora disso o corpo humano é imortal.

É uma história que é preciso revelar à luz do dia falando sem rodeios.

O corpo humano só morre porque esqueceram de transformá-lo e de mudá-lo.

A não ser por isso ele não morre, ele não se transforma em pó, ele não vai para o túmulo.

É uma ignóbil facilidade do nada que a religião, a sociedade e a ciência obtiveram da consciência humana a de levá-la em um dado momento a abandonar seu corpo,

a de fazê-la acreditar que o corpo humano era perecível e destinado a partir ao fim de pouco tempo.

Não, o corpo humano é imperecível e imortal, e ele muda,

ele muda física e materialmente,

anatômica e manifestamente,

ele muda visivelmente e aqui mesmo contanto que a gente queira

dar-se de fato ao trabalho material de fazê-lo mudar.

Existia outrora uma operação de ordem menos mágica que científica

e que o teatro se limitou a roçar,

através da qual o corpo humano,

quando ele era reconhecido como algo mau era passado,

transportado,

física e materialmente,

objetiva e como que molecularmente, de um corpo a outro,

de um estado passado e perdido do corpo

a um estado reforçado e sobrelevado do corpo.

E para isso bastaria dirigir-se a todas as forças dramáticas, recalçadas e perdidas do corpo humano.

Trata-se portanto de uma revolução,

e todo mundo denomina uma revolução algo necessário,

mas não sei se muita gente já pensou que esta revolução não seria verdadeira, enquanto não fosse física e materialmente completa,

enquanto não se voltasse para o homem,

para o próprio corpo do homem

e não se decidisse enfim a lhe pedir para *mudar*.

Ora, o corpo se tornou desasseado e mau porque vivemos num mundo desasseado e mau que não quer que o corpo humano seja mudado,

e que soube dispor

de todas as maneiras,

em todos os pontos necessários,

seu oculto e tenebroso bando de forçados para impedi-lo de mudar.

É assim que este mundo não é mau somente na fachada, mas porque subterrânea e ocultamente ele cultiva e mantém o mal que o fez ser e nos fez a todos nascer do mau espírito e no meio do mau espírito.

Não é somente que os costumes tenham apodrecido, é que a atmosfera em que vivemos apodreceu material e fisicamente através de vermes reais, de aparências obscenas, de espíritos venenosos, de organismos infectos, que se pode ver a olho nu contanto que se tenha como eu; longa, acre e sistematicamente sofrido.

E não se trata de alucinação ou de delírio, não, trata-se desse acotovelamento adulterado e constatado do mundo abominável dos espíritos cujas partes vergonhosas todo ator impercível, todo poeta incriado pelo sopro da inspiração sempre sentiu abjetar seus mais puros impulsos.

E não haverá revolução política ou moral possível enquanto o homem permanecer magneticamente preso,

nas suas mais elementares e mais simples reações nervosas e orgânicas

através da sórdida influência

de todos os centros duvidosos de iniciados,

que, bem aquecidos nos aquecedores de seu psiquismo

zombam tanto das revoluções quanto das guerras,

certos de que a ordem anatômica sobre a qual está baseada tanto a existência quanto a duração da sociedade atual

não poderia ser mudada.

Ora, há no sopro humano saltos e quebras de tom, e de um grito a outro grito, transferências bruscas,

pelas quais as aberturas e os impulsos do corpo inteiro das coisas podem ser subitamente evocadas, e que podem arrumar ou liquefazer um membro, como uma árvore que se apoiasse sobre a montanha de sua floresta.

Ora,

o corpo tem um sopro e um grito pelos quais ele pode chegar ao fundo decomposto do organismo e se transportar visivelmente até esses altos planos irradiantes onde o corpo superior o espera.

É uma operação na qual a profundidade do grito orgânico e do sopro lançados

passam por todos os estados possíveis do sangue e dos humores,

todo o combate das farpas e esquirolas do corpo visível

com os monstros falsos do psiquismo,

da espiritualidade,

e da sensibilidade.

Houve períodos incontestáveis da história do tempo em que esta operação fisiológica aconteceu e no qual a má vontade humana não teve jamais o tempo de formar suas forças e de liberar como hoje seus monstros oriundos da copulação.

Se sob certos aspectos e para certas raças, a sexualidade humana

chegou a um ponto negro,

e se essa sexualidade desprende influências infectas,
espantosos venenos corporais,

que presentemente paralisam
todo esforço de vontade e de sensibilidade,
e tornam impossível toda tentativa de metamorfose
e de revolução definitiva

integral.

É que já faz séculos
foi abandonada uma certa operação de transmutação fisiológica,

e de metamorfose orgânica verdadeira do corpo humano,

a qual pela sua atrocidade,

sua ferocidade material,

e sua amplitude

lança na sombra de uma morna noite psíquica
todos os dramas psicológicos, lógicos ou dialéticos
do coração humano.

Eu quero dizer que o corpo detém sopros,

e que o sopro detém corpos cuja palpitante pressão,

a espantosa compressão atmosférica tornam vãos, quando
aparecem, todos os estados passionais ou psíquicos que
a consciência pode evocar.

Há um degrau de tensão, de esmagamento, de espessura
opaca, de recalque supercomprimido de um corpo,
que deixa muito para trás toda filosofia, toda dialética,
toda música, toda física,

toda poesia,

toda magia.

Eu não lhes mostrarei esta noite o que demandaria
muitas horas de exercícios progressivos a fim de começar a
transparecer,

aliás para isso é preciso ar e espaço,

é preciso sobretudo uma aparelhagem que eu não possuo.

Mas vocês ouvirão certamente nos textos que serão ditos
vindos daqueles que os dizem,

gritos e impulsos de uma sinceridade

que estão no caminho desta revolução fisiológica total sem a
qual nada pode ser mudado.

ANTONIN ARTAUD

Essa leitura se efetuou na noite de sexta-feira, 18 de julho de 1947 e algumas vezes eu aí como que *rocei na abertura* de meu tom de coração.

Teria sido preciso que eu *cagasse* sangue pelo umbigo para chegar àquilo que eu quero.

Três quartos de hora malhando com um ferro no mesmo ponto, por exemplo, *bebendo* de vez em quando.

ALIENAR O ATOR^a

O teatro

é o estado,

o lugar,

o ponto,

onde se apreende a anatomia humana,
e através dela se cura e se rege a vida.

Sim, a vida com seus transportes, seus relinchos, seus borborismos, seus buracos, seus pruridos; seus rubores, suas paradas de circulação, seus *maëlstroms* sanguinolentos, suas precipitações irritáveis de sangue, seus nós de humor,
suas retomadas,

suas hesitações.

Tudo isso se discerne, se marca, se investiga e se ilumina sobre um membro, e é pondo em atividade, eu diria em atividade paroxística dos membros, como os membros desse formidável fetiche animado que é todo o corpo

de todo um ator,

que se pode ver

como a nu,

a vida,

na transparência, na presença de suas forças primais nascidas, de suas potências inutilizadas,

e que ainda não serviram, não, ainda não serviram para corrigir uma criação anárquica, da qual o verdadeiro teatro foi feito a fim de reerguer as irascíveis e petulantes gravitações.

Sim a gravitação universal é um sismo, uma horrorosa precipitação passional

que se corrige sobre os membros de um ator,

não em frenesi,

não em histeria,

não em transe.

mas através da ponta afiada de uma espinha, na última e mais extrema fração da medida parietal de seu esforço.

Muro após muro,
o ator desenvolve,

expõe ou fecha as paredes, as faces passionais e superanimadas de superfícies onde se inscreve a ira da vida.

Músculo após músculo,
sobre o corpo do ator metodicamente traumatizado, pode-se perceber o desenrolar das impulsões universais e sobre ele mesmo corrigi-las.

É uma técnica que quase aconteceu um dia no tempo dos Mistérios Órficos ou de Elêusis, mas que falhou porque se tratava e muito mais do arremate de um velho crime:

dar deus,

todo deus despedaçado

a todo homem,

todo o universal do sopro inempregado das coisas ao homem baixamente humano

do que da constituição e da INSTITUIÇÃO desta nova e palpitante

anatomia *furtiva* que todo o teatro reclamava.

Sim, o homem teve em um determinado momento necessidade de um corpo esquelético novo, que crepitasse e resvasasse no ar como as chamas furtivas de uma lareira.

E o teatro era esta força que agitava a anatomia humana, esta petulância de um fogo inato da qual foram debulhados os primitivos esqueletos,

essa força de descontentamento que explodiu,

essa espécie de irascível tumor em que foi fundido o primeiro esqueleto.

E é pelo chacoalhar rítmico de todos os esqueletos evocados que a força inata do teatro cauterizava a humanidade.

Era lá que o homem e a vida vinham de tempos em tempos se fazer
se refazer.

Onde mesmo?

Em certas escoriações intempestivas da sensibilidade orgânica profunda do corpo humano.

Sem transes,

através do ofegar rítmico pronunciado e metódico do chamado,

a vida cintilante do ator era posta a nu em suas veias profundas,

e não havia músculo ou osso,

nem ciência do músculo

ou

do osso,

mas a projeção de um esqueleto lenhoso
 que era todo um corpo
 como que posto a nu e visível
 é que parecia dizer:
 cuidado,
 atenção lá em cima,
 isso vai cagar,
 isso vai estourar.

E com efeito o teatro era o mártir de tudo o que
 arriscava humanidade, que queria tomar a figura de ser.

Era o estado em que não se pode existir, se não se
 consentiu por antecipação em ser por definição e por essência
 um definitivo
 alienado.

Ruptura de membros e de nervos rompidos,
 fraturas de ossos ensangüentados e que protestam por
 ser arrancados desta forma ao esqueleto da possibilidade, o
 teatro é esta inextirpável e efervescente festa
 que tem a revolta e a guerra por inspiração e por tema.
 Pois ser alienado ao ser, o que é?

É
 não ter aceitado como o homem imbecil e crápula de hoje,
 ceder a este estado de liquefação visceral,
 antiteatral
 que faz o sexo
 nesse estado de erotização *estática*,
 pró-intestinal
 do corpo atual.

Os desenraizamentos magnéticos do corpo, as escoria-
 ções musculares cruéis, as comoções da sensibilidade enterra-
 da que constituem o teatro verdadeiro, não podem andar a par
 com este modo de girar mais ou menos muito tempo,
 em todo caso lânguida e lascivamente, em redor do pote

que constitui a vida sexual.

O verdadeiro teatro é muito mais trepidante, é muito
 mais alienado.

Estado espasmódico do coração aberto
 e que tudo dá
 àquilo que não existe,
 e que não é,
 e nada àquilo que é, e que se vê,
 que se cerca,
 onde não se pode ficar e
 permanecer.

Mas quem
 hoje,

quereria viver
 naquilo que

pede
ferida para
permanecer um
alienado?

12 de maio de 1947.

P.S. — O intempestivo carvão lenhoso do esqueleto não carnal do homem, o do super-homem começado um dia e que logo será para sempre inteiriço, quando não houver mais sol nem lua, mas dois artelhos de brasa iluminada para responder às línguas vazias, às duas cavidades de línguas vazias do crânio da Dança Macabra como um farol

perpetuamente
incandescido.

O TEATRO DA CRUELDADE^a

Vocês conhecem algo mais ultrajantemente fecal do que a história de Deus e de seu ser: SATÃ, a membrana do coração, a leitoa ignominiosa, do ilusório universal, que com suas mamas babosas jamais nos dissimulou senão o Nada?

Diante desta idéia de um universo preestabelecido o homem até agora não conseguiu estabelecer sua superioridade sobre o império da possibilidade.

Pois se nada existe, nada existe a não ser esta idéia excremental de um ser que, por exemplo, teria criado as feras. E de onde vêm as feras nesse caso?

Do fato de que o mundo das percepções corporais não está à sua altura, e não amadureceu, do fato de que há uma vida psíquica e nenhuma vida orgânica verdadeira, do fato de que a simples idéia de uma vida orgânica pura pode colocar-se, do fato de que uma distinção pôde ser feita entre

a. Publicado em 84, n. 5-6 (1948), pp. 121-130.

a vida orgânica embrionária pura
e a vida passional
e concreta integral do corpo humano.

O corpo humano é uma pilha elétrica
no qual castraram e reprimiram as descargas,
do qual orientaram para a vida sexual
as capacidades e as tendências

enquanto que ele foi feito
justamente para absorver
por seus deslocamentos voltaicos
todas as disponibilidades errantes
do infinito do vazio,
dos buracos do vazio

cada vez mais incomensuráveis
de uma possibilidade orgânica jamais satisfeita.

O corpo humano tem necessidade de comer,
mas quem experimentou de outro modo, a não ser no plano da
vida sexual, às capacidades incomensuráveis dos apetites?

Façam finalmente dançar a anatomia humana,
de cima para baixo e de baixo para cima,
de trás para frente e
de frente para trás,

porém muito mais de trás para trás,
aliás, do que de trás para frente,
e o problema da rarefação
dos gêneros alimentícios,
não terá mais que ser resolvido,
porque não haverá mais ocasião
nem mesmo de colocar-se.

Fizeram o corpo humano comer,
fizeram-no beber,
para evitar
de fazê-lo dançar.

Fizeram-no fornicar o oculto,
a fim de se eximir
de comprimir
e supliciar a vida oculta.

Pois não há nada
como a assim denominada vida oculta
que tenha necessidade de ser supliciado.

Foi lá que Deus e o seu ser
pensaram enviar o homem demente,
lá, naquele plano cada vez mais ausente da vida oculta
onde Deus quis fazer o homem acreditar
que as coisas podiam ser vistas e percebidas em espírito;
enquanto que não há de existente e de real,
senão a vida física exterior
e que tudo aquilo que foge dela e se desvia dela
não é mais que os limbos do mundo dos demônios.

E Deus quis fazer o homem acreditar nessa realidade do
mundo dos demônios.

Mas o mundo dos demônios é ausente.

Jamais ele alcançará a evidência.

O melhor meio de se curar dele

e de destruí-lo

é acabar de construir a realidade.

Pois a realidade não está acabada,

ela ainda não está construída.

De sua conclusão dependerá

no mundo da vida eterna

o retorno de uma eterna saúde.

O teatro da crueldade

não é o símbolo de um vazio ausente,

de uma espantosa incapacidade de se realizar em sua vida de
homem,

Ele é a afirmação

de uma terrível

e aliás inelutável necessidade.

Nas encostas jamais visitadas

do Cáucaso,

dos Cárpatos,

do Himalaia,

dos Apeninos,

sucedem-se todos os dias,

noite e dia,

há anos e anos,

medonhos ritos corporais

onde a vida negra

a vida jamais controlada e negra

se entrega a espantosos e repulsivos banquetes.

Lá, os membros e os órgãos reputados abjetos

porque

perpetuamente abjetados,

reprimidos,

fora das capacidades da vida lírica exterior,

são utilizados no delírio total de um erotismo que não tem
freio,

em meio ao derramamento,

cada vez mais fascinante

e virgem

de um licor

cujas naturezas jamais pôde ser classificada,

porque ela é cada vez mais incriada e desinteressada.

(Não se trata especialmente do sexo ou do ânus

que aliás devem ser decepados e liquidados,

mas do alto das coxas,

das cadeiras,

dos dorsos,

do ventre total e sem sexo
e do umbigo).

Tudo isso é por ora sexual e obsceno
porque tudo isso jamais pôde ser trabalhado e cultivado
fora do obsceno

e os corpos que dançam lá
não podem ser desligados do obsceno,
eles desposaram sistematicamente a vida obscena
mas é preciso destruir

esta dança de corpos obscenos
para substituí-los pela dança
de nossos corpos.

Fiquei perturbado
e contaminado

durante anos
pela dança de um mundo assustador de micróbios
exclusivamente sexualizados

nos quais eu reconhecia
na vida de certos espaços recalcados,
homens, mulheres,
crianças da vida moderná.

Fui atormentado interminavelmente por pruridos de intolerá-
veis eczemas

nos quais as purulências da vida erótica do sarcófago
tinham livre trânsito.

Não há necessidade de procurar mais longe do que nessas
danças rituais negras,

a origem de todos os eczemas,
de todos os herpes,
de todas as epidemias,
de todas as pestes

das quais a medicina moderna
cada vez mais confusa

se mostra impotente para encontrar a cauterização.

Fizeram baixar minha sensibilidade

há dez anos,

os degraus dos mais monstruosos sarcófagos,
do mundo ainda inoperado dos mortos
e dos vivos que quiseram

(e no ponto em que chegamos, é por vício)
que quiseram viver mortos.

Mas eu simplesmente me esquivei de ser doente
e comigo

todo um mundo que é tudo o que eu conheço.

O PEDANA

NA KOMEV TAU DEDANA

TAU KOMEV

NA DEDANU

NA KOMEV

TAU KOMEV
 NA COME
 COPSI TRA
 KA FIGA ARONDA
 KA LAKEOU
 TU COBRA
 COBRA JA
 JA FUTSA MATA
 DA serpente não
 HÃ.

Porque vocês deixaram a língua sair dos organismos
 foi preciso cortar aos organismos
 sua língua

à saída dos túneis do corpo.

Só existe a peste,

a cólera,

a varíola negra

porque a dança

e em consequência o teatro

ainda não começaram a existir.

Qual é o médico dos corpos racionados da atual miséria
 que tenha procurado ver a cólera de perto?

Escutando a respiração ou o pulso de um doente,

prestando atenção diante dos campos de concentração destes
 corpos racionados da miséria,

diante do tremor dos pés, dos troncos e dos sexos

do campo imenso e recalçado

de alguns micróbios terríveis

que são

outros corpos humanos.

Onde estão eles?

Ao nível ou nas profundezas,

de certos túmulos

em lugares historicamente

ou então geograficamente insuspeitos.

KO EMBACH

TU UR JA BELLA

UR JA BELLA

KOU EMBACH

Lá onde os vivos marcam encontro

com os mortos

e certos quadros de danças macabras

não possuem outra origem.

São estes erguimentos

nos quais o encontro de dois mundos incríveis se delineia sem
 parar

que fizeram a pintura da Idade Média

como aliás toda pintura

toda história

e eu diria
toda geografia,
A terra se pinta e se descreve
sob a ação de uma terrível dança
à qual ainda não fizeram dar
epidemicamente todos seus frutos.

POST-SCRIPTUM

Lá onde existe a metafísica,
a mística,
a dialética irredutível,
eu ouço se torcer
o grande cólon
de minha fome
e sob os impulsos de sua vida sombria
eu dito para minhas mãos

sua dança,
a meus pés
ou a meus braços.

O teatro e a dança do canto,
são o teatro das revoltas furiosas
da miséria do corpo humano
diante dos problemas nos quais ele não penetra
ou cujo caráter passivo,

especioso,
chicanista,
impenetrável,
inevidente
o ultrapassa.

Então ele dança
através de blocos de
KHA, KHA
infinitamente mais áridos,
porém orgânicos;
ele põe no passo
a muralha negra
dos deslocamentos do interior do coração;
o mundo das larvas invertebradas
do qual se destaca a noite sem fim
dos insetos inúteis:

piolhos,
pulgas,
percevejos,
mosquitos,
aranhas,

só se produz
porque o corpo de todos os dias
perdeu sob a fome
sua coesão primeira
e ele a perde através de lufadas,

de montanhas,
de tiras,
de teorias sem fim
as fumaças negras e amargas
das cóleras
de sua energia.

POST-SCRIPTUM

*Quem sou eu?
De onde venho?
Sou Antonin Artaud
E basta que eu o diga
como sei dizê-lo
imediatamente
vocês verão meu corpo atual
partir em pedaços
e se recompor
sob dez mil aspectos notórios
um corpo novo
onde vocês não poderão
nunca mais
me esquecer.*

ÚLTIMA CARTA SOBRE O TEATRO^a

Paula, estou muito triste e desesperado
meu corpo dói de todos os lados
mas sobretudo tenho a impressão de que todos se decep-
cionaram

com a minha emissão radiofônica.

Lá onde está a *máquina*

é sempre o abismo e o nada

há uma interposição técnica que deforma e aniquila aquilo
que se faz.

As críticas de M. e A. são injustas mas devem ter tido sua base
em um defeito de transmissão

é por isso que eu jamais voltarei ao Rádio

e consagrarei doravante exclusivamente ao teatro

como o concebo

um teatro de sangue

um teatro que a cada representação proporcionará

corporalmente

alguma coisa a quem representa

^a . Carta a Paule Thévenin de 25 fev. 1948 (Artaud devia morrer no dia 4 de março) publicada no volume *Para Acabar com o Julgamento de Deus*, ed. K (1948), pp. 107-108.

como a quem vem assistir a representação
aliás,
não se representa,
age-se
o teatro é na realidade a *gênese* da criação.
Isto se fará.

Tive uma visão hoje à tarde
vi aqueles que me seguirão e aqueles que ainda não têm um corpo
porque os porcos como aqueles do restaurante de ontem à noite
comem demais.

Existe quem coma demais
e outros como eu que não podem mais comer sem *escarrar*
em vocês.